

a folha

Boletim da língua portuguesa nas instituições europeias

<http://ec.europa.eu/translation/portuguese/magazine>

N.º 44 — primavera de 2014

EXPOSIÇÃO «POTENCIAL ECONÓMICO DA LÍNGUA PORTUGUESA» — <i>Diogo Feio</i>	1
ESPAÑHOL E PORTUGUÊS: AS DIFICULDADES INESPERADAS (I) — <i>Augusto Múrias</i>	3
AI QUE SAUDADES DE OUVIR FALAR PORTUGUÊS! — <i>Philippe Magnan Gariso</i>	6
OS PÓNEIS DE CONNEMARA — <i>Luís Filipe PL Sabino</i>	9
СОЧИ — UM ESTUDO DE CASO DA TRANSLITERAÇÃO DO RUSSO — <i>Paulo Correia</i>	13
CROÁCIA — FICHA DE PAÍS — <i>Luís Pedro Correia; Paulo Correia</i>	17
NOMES OFICIAIS DOS ESTADOS-MEMBROS — <i>Equipa linguística do Departamento de Língua Portuguesa</i>	21

Exposição «Potencial Económico da Língua Portuguesa»

Diogo Feio
Deputado — Parlamento Europeu

[Texto do discurso inaugural da exposição «Potencial Económico da Língua Portuguesa», patente no Parlamento Europeu, Bruxelas, de 18 a 21 de fevereiro de 2014, que retoma os conteúdos do livro homónimo⁽¹⁾, um estudo realizado por investigadores do ISCTE sob coordenação de Luís Reto.]

Senhores Embaixadores,
Caros Colegas,
Meus Amigos,

Inauguramos hoje a exposição sobre o Potencial Económico da Língua Portuguesa⁽²⁾.

Esta exposição, organizada pelo Instituto Camões, a quem saúdo na pessoa da senhora Dr.^a Gabriela Soares de Albergaria, e coordenada cientificamente pelo ISCTE-Instituto Universitário de Lisboa, visa não apenas apresentar a língua portuguesa como aquilo que ela hoje já é:

- a quarta mais falada no mundo,
- a mais falada no hemisfério sul,
- a quinta na Internet,
- a terceira nas redes sociais,
- a única, para além do inglês, que é língua materna em cinco continentes,

mas também demonstrar como há margem para aprofundarmos o seu potencial de comunicação, nomeadamente em termos económicos.

Todos os que aqui estão, ou quase todos, conhecem a língua portuguesa, entendem a sua riqueza e compreendem como esta evoluiu e deixou de estar circunscrita à península ibérica para se transformar num instrumento de comunicação verdadeiramente global.

O jornalista brasileiro Apparício Torelli (conhecido por Barão de Itararé) dizia que «O português é uma língua muito difícil. Tanto que calça é uma coisa que se bota, e bota é uma coisa que se calça», mas a verdade é que cada vez mais pessoas falam português e cada vez mais pessoas o querem aprender.

Foi em português que se inaugurou a globalização. António Gedeão disse-o desta forma:

«Moldei as chaves do mundo
a que outros chamaram seu,
mas quem mergulhou no fundo
Do sonho, esse, fui eu.»

A nossa língua comum foi enriquecida por palavras de todas as costas em que aportaram navios portugueses, mudou-se no contacto próximo, íntimo e fecundo entre povos, diversificou-se nas interpretações próprias que estes povos e mais recentemente os seus novos Estados lhe foram dando.

Ganhou outros tons e outros ritmos. Absorveu saberes e mesmo sabores. Passou, como diria José Eduardo Agualusa, de língua madrasta à língua materna que hoje é de angolanos, brasileiros, cabo-verdianos, guineenses, moçambicanos, são-tomenses e timorenses.

As potencialidades do português são inúmeras. Recorde-se que, no Índico, foi a língua franca durante muitos anos após a perda da hegemonia portuguesa naquele mar. E o registo dessa presença está gravado nele.

A língua é mais do que um conjunto de palavras e de regras gramaticais. É uma maneira de perspectivar o mundo e o outro. De os decifrar.

Mesmo nos momentos de maior conflito, os nossos líderes compreenderam essa importância comunicacional do português. Foi o caso de Amílcar Cabral que, no decurso da guerra na Guiné-Bissau, declarou

«O português (língua) é uma das melhores coisas que os tugas nos deixaram.»

Se é verdade que não falamos da mesma forma, não será menos verdadeira a afirmação que falamos a mesma língua. À língua portuguesa pode aplicar-se o mote da União Europeia: está unida na diversidade. E permanece aberta à pluralidade e ao sincretismo que tanto a enriqueceram e fortaleceram.

Vergílio Ferreira escreveu que da nossa língua se via o mar. E é certo que assim é. Mas da nossa língua também se vê a profundidade da selva amazónica, o planalto central de Angola, a fauna da Gorongosa, o verde dos Açores, a Boavista, os Bijagós e se cheiram os cafés de São Tomé e de Timor. Da nossa língua vê-se o mundo. O mundo todo. Porque no mundo todo é possível encontrar quem fale e compreenda o português.

Como ignorar que a nossa língua não se fala apenas nos Estados que a adoptaram como idioma oficial mas que esta se espraia, se enraíza e resiste noutros pontos do globo?

Na verdade, não é possível falar do potencial económico da língua portuguesa sem mencionar as comunidades que falam português em França, na Suíça, no Luxemburgo, na Alemanha, no Reino Unido, e dos outros lados do Atlântico na costa leste dos Estados Unidos, na Venezuela e na África do Sul. Como esquecer Macau, Goa ou mesmo Malaca?

Diz o povo que «é a falar que a gente se entende.» As nossas gentes entendem-se directa e mutuamente naquela que é a terceira língua europeia global. Empresários e investidores dos quatro cantos do mundo podem falar na sua própria língua e estabelecer contactos e parcerias que não necessitam de mediação.

Esta exposição tem por propósito lembrar quantos somos, onde estamos e que o modo directo como nos entendemos pode contribuir decisivamente para que se estabeleçam, mantenham e reforcem os laços de compromisso e confiança que são essenciais para que a actividade económica floresça.

A visão e o potencial da língua portuguesa que aqui hoje demonstramos reafirmam a riqueza do português e procuram apresentá-la nessa vertente económica.

Um português do século XV e XVI poderia dizer-vos que, nas suas viagens, buscava sobretudo cristãos e especiarias. Hoje, os falantes de português em todo o mundo têm na língua que resultou dessa busca inicial um instrumento privilegiado que lhes permite aceder directamente a vários dos principais e mais vibrantes mercados mundiais.

Em tempos de crise económica e financeira estes dados e projecções devem encorajar empresários e investidores, animar universidades e centros de ensino e alentar os esforços das respectivas sociedades civis, visando estreitar os laços que já nos unem e que ultrapassam a geografia, e a abraçarmos em conjunto os novos desafios que nos são colocados pela globalização.

Deixo um conselho a quem ainda não sabe português: aprenda que vale a pena. Há 250 milhões de boas razões para isso!

Muito obrigado.

diogo.feio@europarl.europa.eu

⁽¹⁾ Reto, L. (coord), *Potencial Económico da Língua Portuguesa*, Texto, Alfragide, 2012, ISBN 978-972-47-4607-4.

⁽²⁾ Camões: Instituto da Cooperação e da Língua, *Potencial Económico da Língua Portuguesa*, https://www.instituto-camoes.pt/images/pdf_noticias/expopelp_pefev14.pdf.



Espanhol e português: as dificuldades inesperadas (I)

*Augusto Múrias
Parlamento Europeu*

INTRODUÇÃO

Confrontando o espanhol com o português, é pertinente colocar a pergunta se, no fim de contas, é mais viável atingir um nível de fluência quase bilingue ao estudar um idioma semelhante ou diferente em relação à língua materna.

O presente artigo pressupõe que a língua que neste par serve como materna facilita consideravelmente a aprendizagem da outra. Isto deve-se à flagrante analogia que existe entre ambas. Com efeito, de entre as línguas românicas, «o português e o espanhol são as que mantêm maior afinidade entre si.»⁽¹⁾. Vários autores estimam em cerca de 85% a percentagem do vocabulário semelhante em ambas as línguas. Nesta percentagem inclui-se não só vocábulos, mas também expressões e idiomatismos⁽²⁾. No caso concreto da tradução, tende-se a reduzi-la a uma mera substituição linguística, em que «os erros

mais frequentes de tradução entre o português e o espanhol e vice-versa são devidos ao desconhecimento dos falsos cognatos.»⁽³⁾.

Assim, e de acordo com a opinião de vários autores, identifica-se afinidade linguística com facilidade de aprendizagem e diferença linguística com dificuldade de aprendizagem, já que inviabiliza a produção de um mero decalque. Por isso, o material linguístico abonatório dessa analogia flagrante não será aqui sequer tomado em consideração.

Naturalmente que a analogia se concretiza de forma específica, consoante o sentido em que a comparação é estabelecida. Aqui, focalizamo-nos exclusivamente nas necessidades de aprendizagem do espanhol por um falante nativo do português (europeu). A inversão do sentido desta comparação requer a correspondente adaptação das considerações feitas. Dito isto, admitimos no entanto que a leitura deste artigo, atendendo à diversidade do material tratado e à organização da respetiva análise, se reveste de interesse também para um falante nativo do espanhol sensibilizado para esta matéria.

O presente estudo assenta na linha de fronteira entre a analogia e a diferença entre ambos os idiomas. Com efeito, a dificuldade de aprendizagem do espanhol reside, para um nativo do português, em dominar com segurança, tanto ao nível das competências de compreensão como de produção linguística, onde essa analogia acaba e a diferença começa. Naturalmente que existem múltiplas gradações na determinação de semelhanças apenas parciais ou de diferenças⁽⁴⁾, que estão na origem de interferência. Por «interferência», entende-se a presença de traços da língua materna ou, eventualmente, de uma língua com a qual o falante está particularmente familiarizado, na língua estrangeira, devido ao insuficiente domínio desta última⁽⁵⁾. Em caso de coincidência entre ambos os idiomas, a interferência realiza uma transferência positiva a partir da língua materna. Mas já em caso de divergência ou de afinidade apenas parcial, realiza uma transferência negativa, na medida em que propicia o erro⁽⁶⁾. Pelo contrário, pelo menos teoricamente, se a língua estrangeira não tiver afinidade com a língua materna, o impacto de tal interferência deveria ser nulo. Por estas razões, é clássico perguntar se, no fim de contas, será mais fácil estudar um idioma semelhante ou diferente em relação à língua materna.

O reconhecimento da perigosidade da semelhança neste contexto data de há muito. Já em 1919 «*Antenor Nascentes (...) señalaba las dificultades que suponen las semejanzas del español y el portugués*», o que efetivamente parece um paradoxo⁽⁷⁾. Sucede que o falante nativo do português, não estando consciente de tais diferenças, por mínimas que elas sejam, tende a reproduzir em espanhol uma forma inspirada na sua língua materna — para não dizer decalcada —, vulgo «portunhol». O «portunhol» constitui uma interlíngua, ou seja, uma instância intermédia entre a língua materna e a língua estrangeira, dotada de autonomia em relação a ambas, e que compensa a falta de conhecimentos na língua estrangeira.

Os estudos linguísticos contrastivos procuram justamente estimular a tomada de consciência das diferenças existentes entre ambos os idiomas. Estes estudos visam pôr cobro à persistência dos erros ditados pela permeabilidade da língua estrangeira à língua materna, a que se dá o nome de «fossilização». Se tal diferença se cingir ao plano semântico, poderá originar perplexidade ou um erro de compreensão: (col.) *Oye, tienes que conocer a mi colega: está como un tren*. Se, porém, essa diferença, além de semântica, envolver também o plano formal, representará, para quem aprende, uma dificuldade próxima da que teria se aprendesse uma língua diferente: (col.) *Te gastamos una broma y te mosqueas*.

No caso das competências de compreensão, não é necessário que a analogia seja total para que a língua materna facilite a apreensão da outra língua deste par. Isto é o que comprovam os seguintes exemplos deliberadamente retirados da linguagem coloquial, por ser um registo à partida mais difícil para quem aprende uma língua estrangeira:

- Desde luego, tienes la casa *patas arriba*, se ve que vives solo...
- Lo de Alfredo es chocante, *no tiene un pelo de tonto* (cf. col. «não ter nada de burro») y siempre anda metido en problemas.
- *Los trapos sucios se lavan* en casa.
- Me ha propuesto un negocio muy interesante, pero me da que *aquí hay gato encerrado*.
- Cuando se pone a hablar del trabajo, se ve que *no tiene pelos en la lengua*. (cf. «não ter papas na língua»).

Também não é necessário que o texto em espanhol produzido por um nativo do português seja rigorosamente correto para ser inteligível. Porém, um desvio recorrente neste pano de fundo de analogia genérica pode corresponder a uma dificuldade de aprendizagem. Exemplos de falsa assunção de analogia encontram-se nas infundáveis divergências ortográficas e/ou fonético-fonológicas, morfológicas, gramaticais e semânticas entre ambos os idiomas, de que nos ocuparemos em artigos seguintes.

Da perspetiva do docente, o diagnóstico quanto às necessidades de aprendizagem do espanhol por um falante nativo do português parece coincidir no seguinte:

a) A semelhança da língua materna não só facilita como agiliza a aprendizagem da outra língua deste par. Por isso, justifica-se a utilização de textos logo numa fase inicial de aprendizagem. Assim, não se justifica que um falante nativo do português inicie a aprendizagem do espanhol ao nível de iniciado (absoluto).

b) Esta apreciação é, além disso, corroborada pelo facto de o falante nativo do português, por norma, em consequência sobretudo da relativa proximidade geográfica, estar também familiarizado com certas divergências, por exemplo, lexicais entre ambos os idiomas, envolvendo vocábulos de uso corrente: *gracias, calle, niño, chica, coche, pero*, dias da semana, etc. De resto, nos requisitos didáticos de ensino das duas línguas aqui em causa vai-se a ponto de reivindicar «*que el curso de portugués a hispanohablantes debe ser distinto de los cursos para los demás extranjeros (...) y lo mismo puede ser aplicado en el curso de lengua española para brasileños.*»⁽⁸⁾ Defende-se, igualmente, que «*no se puede enseñar el español a brasileños siguiendo los mismos esquemas y el mismo ritmo que se usan para enseñarles el inglés o el francés.*»⁽⁹⁾

c) Porém, a rápida progressão inicial será travada na etapa de aperfeiçoamento, prejudicada por erros persistentes, inclusive de nível elementar, devidos à interferência sistemática do português: «*(...) a vantagem inicial, quando da aprendizagem de uma língua cognata, nem sempre (aliás, raras vezes) culmina no domínio quase perfeito e rápido da língua visada. Muito pelo contrário, o mais provável é estacionar numa interlíngua, mais ou menos distante da meta. Facilmente a fossilização toma conta, inviabilizando qualquer progresso.*»⁽¹⁰⁾

De resto, esta questão não se coloca apenas em relação ao falante nativo. Também os falantes do português como língua estrangeira que têm um bom domínio de outras línguas românicas experimentam dificuldades na aprendizagem do português devido à frequente interferência negativa exercida por essas outras línguas românicas. Embora fosse de todo errado concluir que um erro resulta necessariamente de uma interferência da língua materna no sistema da língua estrangeira, ou sequer que é sistemático, os estudos contrastivos entre ambas as línguas assumem particular relevância ao anteciparem as estruturas suscetíveis de oferecer facilidade ou dificuldade de aprendizagem. Concretamente, consciencializam para a necessidade de um esforço de aprendizagem com vista a lograr:

- a correta produção de formas parcialmente não coincidentes, mas que, em princípio, não deveriam suscitar dificuldades de compreensão: «*soñar pesadillas*»; «*Ella quiere llevar siempre razón* en todo lo que dice»; «*los opositores esperan de los socios europeos [parceiros europeus] de Ucrania una reacción no con palabras, sino con hechos*»; aqui se inclui também o domínio de expressões estabelecidas, como: «*en el futuro cercano*»;

- o domínio de casos de extensão semântica, como *mientras / mientras que*;
- a correta produção de vocábulos formalmente distintos: *cocodrilo* (crocodilo);
- apartar o risco de compreensão errada devido à falsa assunção de analogia semântica: «Como Luis no soporta que *le den de lado*, prefiere no plantear sus puntos de vista.»

Procurando agrupar as dificuldades linguísticas que o espanhol apresenta para o falante nativo do português, distinguiremos em futuros artigos, grosso modo, as seguintes categorias que, por sua vez, serão esmiuçadas:

- a) dificuldades formais (fonético-fonológicas, ortográficas);
- b) dificuldades morfológicas e gramaticais;
- c) dificuldades semânticas⁽¹¹⁾.

Concluimos esta introdução relevando a dimensão da aprendizagem do espanhol em Portugal e no Brasil, país onde o «*Anuario del Instituto Cervantes 2009*» contabilizava em mais de cinco milhões o número de estudantes de espanhol⁽¹²⁾.

augusto.murias@europarl.europa.eu

⁽¹⁾ Almeida Filho, J. C. P. de, *Português para estrangeiros: Interface com o espanhol*, citado em Camorlinga, R., «A distância da proximidade: A dificuldade de aprender uma língua fácil», <http://revistas.pucsp.br/index.php/intercambio/article/view/4098>.

⁽²⁾ Camorlinga, além de afirmar que mais de 85% das palavras de ambas as línguas possuem uma origem comum, opina que «a língua escrita, sendo mais conservadora, apresenta maior afinidade; já a falada, envolvendo também o aspecto da pronúncia e a correlata compreensão auditiva, oferece um nível maior de dificuldade. Além disso, quanto mais os falantes se afastam da “norma culta”, é maior também a distância entre as duas línguas», Camorlinga, R., *op. cit.*

⁽³⁾ Fialho, V. R., «Proximidade entre línguas: algumas considerações sobre a aquisição do espanhol por falantes nativos de português brasileiro», *Espéculo: Revista de estudios literarios*, Universidad Complutense de Madrid, n.º 31, novembro 2005-fevereiro 2006, <https://pendientedemigracion.ucm.es/info/especulo/numero31/falantes.html>.

⁽⁴⁾ Fialho, V. R., *op. cit.*

⁽⁵⁾ Camorlinga, R., *op. cit.*

⁽⁶⁾ Löffler, S., «Las interferencias lingüísticas y la enseñanza del español como lengua extranjera», *Revista de Postgrado Face-UC*, Universidade de Carabobo, vol. 5, n.º 8, janeiro-junho 2011, http://www.face.uc.edu.ve/pag/arje/pdf/ARJE_8.pdf.

⁽⁷⁾ Ortega Carrascal, J., «La expansión del español en Brasil y el peligro del “portuñol”», *V Congreso Internacional de la Academia de la Lengua Española*, Instituto Cervantes, Valparaíso, 2010, http://congresosdelalengua.es/valparaiso/ponencias/lengua_educacion/ortega_jaime.htm.

⁽⁸⁾ Takeuchi, N. N., «La semejanza con la lengua materna: tropiezos para el aprendizaje del español», *Revista Letras*, Universidade Federal do Paraná, n.º 33, 1984, <http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs/index.php/letras/article/viewFile/19325/12610>.

⁽⁹⁾ Hoyos-Andrade, R., «Elementos de una gramática para la enseñanza del español en el Brasil», citado em Trindade Natel, T. B., «La proximidad entre el portugués y el español, ¿facilita o dificulta el aprendizaje?», *XIII Congreso Internacional, Asociación para la Enseñanza del Español como Lengua Extranjera*, Murcia, 2002, http://cvc.cervantes.es/ensenanza/biblioteca_ele/asele/pdf/13/13_0825.pdf.

⁽¹⁰⁾ Camorlinga R., *op. cit.*

⁽¹¹⁾ cf. «No tenemos ninguna noticia con relación a la existencia de algún libro dedicado específicamente a la comparación contrastiva, tanto pragmática como cultural, entre ambas lenguas.» (Lozano Antolín, J. G., «Análisis Contrastivo, Análisis de Errores e Interlengua como Instrumentos para la Enseñanza — Aprendizaje del Español a Lusohablantes Brasileños», Comunidad Todoole, http://todoecomunidad.ning.com/group/elebrasil/forum/topics/ensenar-una-lengua-proxima?xg_source=activity).

⁽¹²⁾ Instituto Cervantes, *El Español en el Mundo — Anuario del Instituto Cervantes 2009*, <http://www.cervantes.es/imagenes/File/prensa/anuario2009.pdf>.



Ai que saudades de ouvir falar português!

Philippe Magnan Gariso

Tradutor técnico — Mota-Engil, Engenharia e Construção, SA, Lisboa

Pois é. De há uns tempos a esta parte só me apetece brincar no sótão das memórias, remexer no baú que lá está, tirar tudo de lá, com curiosidade, entusiasmo, excitação, arrebate, todos aqueles conceitos que formavam e ainda formam o edifício da ortofonia — a ortoépia, a prosódia, a fono-estilística, mas também a pesada gramática, e a semântica; eu sei lá, tudo o que ficara na memória do que aprendera na instrução primária, no ciclo preparatório, no curso geral dos liceus, no curso complementar dos liceus e, mais graúdo, nos bancos da faculdade. Que deleite! Agora, tudo se tornou um pesadelo, um ensurdecedor trovão de dislates, ao ouvir os nossos políticos, comentadores, apresentadores de rádio e televisão, repórteres — sim, para mim, são repórteres e não jornalistas, como agora está na moda dizer-se.

Então ao que venho, perguntará o leitor? Aos telejornais e noticiários radiofónicos eivados de erros de pronúncia, de má articulação de sons, de acentos tónicos erradamente colocados, de estrangeirismos... O discurso falado que, agora, em muitos casos dá pelo nome de «narrativa» está pejado de vocábulos erradamente pronunciados como proparoxítonos quando na realidade são paroxítonos, ou o inverso, por exemplo: «rúbrica» quando deve ser «rubrica», quer na acepção de *item*, quer de assinatura; «púdico» quando o correcto é «pudico»; «logotipo» em vez da forma correcta «logótipo»; «biopsia» e não «biópsia»; já agora, lembro que o plural de «acordo» não é «acórdos» mas sim «acordos» sem o «o» aberto. Compreenderão que, por razões de espaço, limitarei o número de exemplos quanto ao acento de intensidade erradamente colocado. Seguem-se os erros do tipo «eistrato» de conta; «eisplosão»; «eisplicitar» entre outros. Oiço, ainda, com grande mágoa «intender» em vez de «entender»; «redículo» em vez de «ridículo»; «corregir» em vez de «corrigir», código «cevil» em vez de «civil»; «eurós» em vez de «euros», e o não menos grave «tóchico» em vez de «tósico»; «entochicação» em vez de «intocicação». Enfim, é um fartote!

Ai que saudades do tempo em que se ensinava português!

Vejamos, sem mais delongas, a tal «narrativa» que agora designa «discurso», «argumento». De facto, tudo é «narrativa»; da simples palavra entoada, à mais complexa explanação de ideias, sem que, contudo, se descortine o mais pequeno indício de narrativa, ou seja: que é do narrador, das ou dos personagens, do tempo, do espaço, da acção — convenhamos que, muitas vezes, intriga não falta —, do carácter homodiegético, heterodiegético, ou autodiegético? E para continuarmos na moda das palavras, meu caro leitor, que pensar da «densificação» do texto tão ao gosto de alguns parlamentares para, no fundo, dizer «clarificar»? Sim, porque, quanto mais densa é a «narrativa» da lei, mais «clara» fica. Ou não será? E eu que aprendi que mais vale «ser «claro, preciso, e conciso» ou, como dizem os nossos amigos britânicos, «KISS — keep it short and simple».

Também recordo com saudade que o plural de «júnior» e «sénior» é respectivamente «juniores» e «seniores» com deslocação do acento da antepenúltima para a penúltima sílaba. E, já agora, o singular de «caracteres» é «carácter», mesmo tratando-se de tipo de imprensa.

Ainda neste capítulo, refira-se a entoação que apresentadores televisivos e radiofónicos conferem às frases que compõem os textos noticiosos. Para quê? Com que finalidade? Para darem a entender, através da entoação, ou da musicalidade inoportuna e incorrecta, que estão solidários com as situações relatadas? Em rádio ou em televisão, um relato é sempre um relato, tem de ser fiel e isento, não cabe ao leitor/relator/apresentador manifestar-se, emocionar-se, ou padecer com a dor que as notícias possam suscitar. A emoção retira seriedade, credibilidade e isenção à notícia ou ao relato. Não falemos de futebol; aí a conversa é outra...

Ai que saudades do *Manual de Rádio* de Curado Ribeiro e dos tempos — 10 anos — que passei na ex-RDP Internacional, Rádio Portugal nas suas emissões em onda curta!

Um outro fenómeno estranho em Portugal é o medo, a repulsa, que alguns vocábulos suscitam, ou o desprezo a que foram votados: tudo é «matéria», já nada é «assunto» ou «tema»; tudo é «relativamente a esta matéria...» e não «sobre este assunto/tema...», todos são «colaboradores» em empresas, e deixaram de ser «trabalhadores», muita coisa é «positiva» ou «negativa» e não mais, tão-somente — ou cruamente — «boa» ou «má»; o «importante» passou a ser «significativo» ou «relevante», e as «perguntas» passaram a designar-se por «questões» que até se colocam! Bem sei que a sinonímia é uma ferramenta ao serviço da estilística, mas cada vez mais se persiste em recorrer ao estilo da escrita em textos falados, o que descamba em pomposidade parola. Já agora, caro leitor, não faz ideia do quanto me incomoda quando na comunicação social se confundem adjectivos com advérbios em frases com participios passados, e quando se conjuga erradamente o verbo haver (haverão muitas tardes) — não acreditará o leitor, mas foi o que ouvi, numa reportagem televisiva muito recente sobre o clássico Sporting / F.C.Porto, em Alvalade.

Finalmente, fico bem mais pesaroso do que irritado perante a enxurrada de estrangeirismos em debates televisivos: recolhi estes três exemplos muito recentes e estarrecedores: Portugal está «lagging», dizia há meses um economista num canal televisivo; o «haircut» na Grécia — ameaça que paira sobre nós diariamente; o bizarro comentário de um jornalista (repórter) desportivo sobre a manifestação efusiva de Jorge Jesus em Inglaterra: «... Para Jorge Jesus, manifestar-se é **peanuts**...»! Que diabo têm os amendoins que ver com o entusiasmo do treinador benfiquista? Ah, aproveito a maré para esclarecer que «ter de» e «ter que» não são a mesma coisa, senão vejamos: «Os alunos têm de ler, mas não têm que ler», e façam-me o subido favor de não confundir «ao encontro de» com «de encontro a», e para evitar o «ter a ver com...», uma péssima tradução do francês «avoir affaire à». Finalmente, que dizer dos que analisam as coisas «sob um ponto de vista» — retorcem-se não sei bem como, talvez física e mentalmente, e colocam-se abaixo do nível da vista para conseguir ver alguma coisa! Não será bem mais fácil vermos as coisas «do ponto de vista»?

Que saudades de ouvir falar português!

Em jeito de remate, e porque não só de filosofia vive o homem, deixo-vos com a «comida de conforto» — é verdade, é assim que nos canais dedicados à culinária se traduz «comfort food» e com a boa comidinha «orgânica», essa mesmo que em inglês é «organic food». Por fim, um apelo aos «chefs» (não sei por que não escrevemos e dizemos «chefes»): a unidade de medida é o grama e não a grama, logo, duzentos gramas e não duzentas gramas, por exemplo; e anatem que o plural de molho (preparado culinário) é «molhos» sem o «o» aberto, para não cairmos no «molho de brócolos». É caso para dizer, como o dizem os Gauleses «j'ai bien mangé, j'ai bien bu, j'ai la peau du ventre bien tendue, merci petit Jésus».

Caro leitor, despeço-me deixando um recado. Cuidado, porque «la culture, c'est comme la confiture, plus on en a, plus on étale...».

philippe.gariso@gmail.com



Os póneis de Connemara

Luís Filipe PL Sabino

Antigo funcionário – Comissão Europeia; Comité Económico e Social Europeu-Comité das Regiões



«Though much of the Connemara Pony's early history is based on legend and fable, it is also said that Spanish horses contributed to the breed after the sinking of the Spanish Armada when it ran aground in 1588 in the 16th Century, the shipwrecked Andalusian horses on board were set loose and swam to shore and interbred with the wild native ponies thus refining the local native wild ponies.(...)»⁽¹⁾

O n.º 43 d'«a folha»⁽²⁾ reproduz um relato sobre uma tal Anne/Juliette e um presumível primo desta que teria perecido em 1830, entre Waterloo e Bruxelas. Após pesquisas intensas em bibliotecas (Berlim, Paris, etc.) e *meils* trocados com gente informada, logrei obter mais alguma luz sobre esse personagem secreto... cujo decesso, finalmente, não ocorreu na data e local assinalados... A pessoa então assassinada e inumada, e de que se deu notícia também na nota de rodapé 7 d'«a folha» n.º 43, era um desconhecido, eventualmente um maltrapilho, que se divulgou ser o tal primo... mas que efetivamente não era.

A história é outra.

Na verdade (se tal coisa existe, nestas matérias...) esse tal primo da Anne/Juliette — cujo nome parece ter sido Daniel Courtoy (?) — seria antes um agente britânico que, além do mais e com notável ousadia e perícia, acompanhou Charles Louis Schulmeister em missões deste ao serviço de Napoleão Bonaparte, tendo pertencido à *entourage* do Marechal Ney (1769-1815)⁽³⁾, pelo que transmitiu aos inimigos da *Grande Armée* preciosas informações que, em parte, teriam talvez contribuído para a derrota francesa em Waterloo em 1815, se bem que, reitera-se, a bruma nesta matéria seja muita e as coisas não são o que parecem, nem parecem o que são.

Segundo parece, desempenhou ainda, com indómito talante, inúmeras missões encobertas em vários pontos do Império vitoriano, esteve perante pelotões de fuzilamento, deu de frosques de diversos ergástulos, afínfou bordoada, assassinou avonde, trabalhou para Sir John Ardagh nas *boer wars*⁽⁴⁾ onde conheceu o jovem Winston Churchill e teria sido também correspondente do *Daily Mail*, relatando os terríveis momentos da guerra na África do Sul⁽⁵⁾.

Mas, como diriam Sylvie Vartan e Johnny Hallyday... *j'ai un problème...*⁽⁶⁾, ou, em *NASA-style: Houston, we have a problem*⁽⁷⁾.

Por isto: o que antecede afigura-se... pouco curial: se Daniel Courtoy esteve em Waterloo em 1815 (onde teria cerca de 20 anos de idade), com dificuldade teria participado ativamente na guerra na África do Sul (1880-1902). Há, aliás, notícia de que o Daniel assistiu (?) à primeira apresentação do *Nabucco*, de Verdi, no Scala de Milão, em março de 1842. Deixa-se, sem embargo, esta nota sobre a participação nas *boer wars*, advertindo para os riscos que envolve o percurso histórico em torno de personagens que, em grande parte da vida, exerceram atividades secretas, nas esquinas da sombra e nas margens da vida e no subsolo da História, e empastelaram as suas biografias com elementos dispersos, soltos à brisa da tarde como as crinas ondulantes dos póneis de Connemara.

Temas Diversos

A) *A couple of...*

Surge amiúde traduzido erradamente por «dois/duas» quando deve ser traduzido, conforme o caso, por «alguns/algumas».

B) O Estatuto dos Funcionários da UE e o Regime aplicável aos Outros Agentes da UE⁽⁸⁾ excede-se no uso e abuso do verbo «possuir» em vez do verbo «ter» ou equivalente. Tal uso, que, é

certo, não traz mal ao mundo e não reduz a pobreza nem a inveja ou o mau-olhado, repete-se em muitos documentos UE e, designadamente, nos avisos de concurso/recrutamento publicados no Jornal Oficial.

Parece-me, excusem a presunção, que, como se tem reiterado — não me venham dizer depois que não os adverti! — não se devia abandonar o pobre do «ter», que fica bem em qualquer lado, inclusive numa jarra que tenha flores...(ou possua?) Até seria de fazer uma *manif* reivindicando o uso do «ter», com bandeiras e gritos antigovernamentais e o conveniente repúdio da *troika*, porque sempre fica bem tal coisa e o pessoal das múltiplas esquerdas não dispensa⁽⁹⁾.

C) Na Decisão 2013/640/UE⁽¹⁰⁾ com a epígrafe: Decisão de Execução da Comissão, de 7 de novembro de 2013, relativa à criação da Infraestrutura Europeia de Investigação Médica Translacional Avançada sob a forma de um Consórcio para uma Infraestrutura Europeia de Investigação (EATRIS-ERIC), pode ler-se no artigo 7.º:

Estatuto de observador

1. Os Estados e organizações intergovernamentais que desejem contribuir para o Consórcio EATRIS-ERIC, mas que ainda não estejam em posição de aderir como membros, podem requerer o estatuto de observador.

Parece-me que os segmentos sublinhados poderiam ter (em linguagem moderna: *possuir*...) a seguinte redação:

...que pretendam... (o «desejo» é mais aconselhável para outras áreas...) mas que ainda não possam aderir... etc. (deixava-se também a «posição» para outras áreas, como é evidente).

D) No Parecer da Comissão de 12 de outubro de 2011 relativo ao pedido de adesão à União Europeia apresentado pela República da Croácia⁽¹¹⁾.

Os pronomes possessivos, já se afirmou muitas vezes, repetem-se inutilmente, fazendo tanta falta como raposa em galinheiro, coisa de que as galinhas prescindem, claro. Exemplos:

(2) *A República da Croácia apresentou o seu pedido de adesão à União Europeia.*

(3) *No seu parecer de 20 de abril de 2004 relativo à Croácia, a Comissão teve já a oportunidade de expressar a sua opinião sobre determinados aspetos essenciais dos problemas suscitados por esta candidatura.*

(11) *A Croácia atingiu um grau elevado de preparação para a adesão. A Comissão insta a Croácia a prosseguir os seus esforços de alinhamento pelo acervo (...).*

E) No Regulamento de Execução (UE) n.º 1116/2013 da Comissão, de 6 de novembro de 2013, que altera o Regulamento (UE) n.º 185/2010 no respeitante à clarificação, harmonização e simplificação de determinadas medidas específicas no domínio da segurança da aviação⁽¹²⁾, lê-se:

d) *No final do ponto 1.2.7.2, é aditado o seguinte texto:*

«Uma pessoa pode ser dispensada da exigência de ser acompanhada na condição de dispor de uma autorização para o efeito e de ser titular de um cartão de identificação aeroportuária válido.»;

Proposta de redação:

«Pode dispensar-se a exigência de acompanhamento a quem dispuser da competente autorização e for titular de cartão de identificação aeroportuária válido.»

F) Em legenda do filme *Like Father, Like Son* (o filme é falado em japonês), do realizador Hirokazu Koreeda fala-se em «estatuto de limitações»; suponho que o autor da tradução das legendas utilizou como língua de partida o inglês (*Statute of limitations*) o que não quer dizer nada em português, embora aquilo pretenda ser tradução de «statute of limitations»...

Segundo a Wikipédia em língua inglesa: *A statute of limitations is an enactment in a common law legal system that sets the maximum time after an event that legal proceedings based on that event may*

be initiated. In civil law systems, similar provisions are typically part of the civil code or criminal code and are often known collectively as periods of prescription.⁽¹³⁾

Assim sendo, estou certo de que se deveria ter recorrido a outro termo para exprimir aquele conceito de *Statute of limitations*, através de algo como «disposições sobre prescrição» ou equivalente, fugindo sempre que possível a termo marcadamente jurídico, inacessível aos leigos. O que não se pode fazer é arremessar para cima do espetador a inspiração do momento, porque ele pode engasgar-se com as pipocas e os *smarties* e haver pânico generalizado na sala onde a película está a ser exibida...

G) Recomendação da Comissão (2014/53/UE)⁽¹⁴⁾, de 29 de janeiro de 2014, com o título «enfrentar as consequências da privação do direito de voto para os cidadãos da União que exercem o seu direito de livre circulação».

O uso do verbo «enfrentar» parece desnecessário, até porque vem desde há muito a ser empregado em vez da preposição «sobre» que, pobrezinha, não fez mal a ninguém e anda algo desprezada, como se dela se dissessem raios e coriscos e não fosse merecedora de proteção como a invocada para os índios por Bartolomé de Las Casas⁽¹⁵⁾.

Na versão ES diz-se: *sobre*

Na versão EN afirma-se: *addressing*

E a versão FR reza: *remédier aux*

Seria, então, talvez a ocasião de se retomar o uso do *sobre*, também como vicariante de «relativo/a», em que os textos da União Europeia são prolixos como a praia da Quarteira em domingo de glorioso verão.

H) A «tomada de decisões» é também daquelas coisas que poderiam ser objeto de reforma antecipada, de preferência sem redução da pensão.

Uma publicação do Conselho da União Europeia tem como epígrafe: «1952-2012: sessenta anos de atividade legislativa e tomada de decisões»⁽¹⁶⁾. Aliás, o termo «tomada» é usado amplamente em documentos das outras instituições.

Mas a tomada é dispensável, porque segundo parece o relevante são as decisões em si mesmas e não o processo de formação delas, contrariamente ao inculcado por aquele título.

Ora, tal coisa mereceria um título mais «digno», deixando cair a «tomada», ficando assim, por exemplo: «...de atividade legislativa e de decisões».

I) O Protocolo que altera o Acordo sobre Contratos Públicos⁽¹⁷⁾ diz no artigo IV:

Princípios gerais

Não-discriminação

1. *No que diz respeito às medidas relativas aos contratos abrangidos, cada Parte, incluindo as suas entidades adjudicantes, deve conceder imediata e incondicionalmente aos bens e serviços de qualquer outra Parte e aos fornecedores de (...).*

Também neste segmento poder-se-ia optar por outra redação (certo: vão dizer-me que tal não tem qualquer relevo, pois que as pessoas destinatárias compreendem e estão-se nas tintas para a redação utilizada...) como segue:

1. *Quanto aos contratos abrangidos (...)* assim se encurtando o início e ficando o troço mais à pipi da tabela.

- (1) Diamonds Equine Centre: Home of the Connemara Pony, *About Us: History of the Connemara Pony*, http://www.theconnemarapony.ie/?page_id=28.
Fotografia: Wikipedia, *Connemara pony*, http://en.wikipedia.org/wiki/Connemara_pony.
- (2) «General Robert Lee and Juliette» in «a folha», n.º 43 — outono de 2013, http://ec.europa.eu/translation/portuguese/magazine/documents/folha43_pt.pdf.
- (3) Zweig, Stefan, *Les Très Riches Heures de l'Humanité — La Minute Mondiale de Waterloo: Napoléon, 18 juin 1815*, [trad. do alemão *Sternstunden der Menschheit* por Alzir Hella, Hélène Denis-Jeanroy], Livre de Poche, Paris, 2004, ISBN 2-253-13059-1.
- (4) Pretorius, Fransjohan, «The Boer Wars», BBC, *History: British History*, http://www.bbc.co.uk/history/british/victorians/boer_wars_01.shtml.
V. Nasson, Bill, *The War for South Africa, The Anglo-Boer War 1899-1902*, Tafelberg, Cidade do Cabo, 2010, ISBN 978-0-624-04809-1.
- (5) Simpson John, *Unreliable Sources: How the 20th Century was reported — The Boer War*, Pan Books, Londres, 2010, ISBN 978-0-330-43563-5.
- (6) YouTube, *Johnny Hallyday & Sylvie "j'ai un problème"*, <http://www.youtube.com/watch?v=4wedDd8OBHw&feature=kp>.
- (7) YouTube, *Houston, We Have a Problem — Apollo 13 (4/11) Movie CLIP*, <http://www.youtube.com/watch?v=kAmsi05P9Uw>.
NASA, *Apollo 13*, http://www.nasa.gov/mission_pages/apollo/missions/apollo13.html.
- (8) Regulamento (CEE, Euratom, CECA) n.º 259/68 do Conselho, de 29 de fevereiro de 1968, que fixa o Estatuto dos Funcionários das Comunidades Europeias assim como o Regime aplicável aos outros agentes destas Comunidades, e institui medidas especiais temporariamente aplicáveis aos funcionários da Comissão, <http://eur-lex.europa.eu/legal-content/PT/TXT/?qid=1395850545122&uri=CELEX:31968R0259>.
- (9) «Nunca gostei dessa gente maciça
E sempre pronta a apontar com o dedo
O que não está nem fica nem merece nem sabe
O bem que Deus nos atribui
Com o dom da vida...»
Carvalho, Armando Silva, *Sol a Sol — A Bilha de Gás*, Assírio & Alvim, 2005, ISBN 972-37-1004-8.
- (10) Decisão de Execução da Comissão, de 7 de novembro de 2013, relativa à criação da Infraestrutura Europeia de Investigação Médica Translacional Avançada sob a forma de um Consórcio para uma Infraestrutura Europeia de Investigação (EATRIS-ERIC), <http://eur-lex.europa.eu/legal-content/PT/TXT/PDF/?uri=CELEX:32013D0640&rid=1>.
- (11) Parecer da Comissão, de 12 de outubro de 2011, relativo ao pedido de adesão à União Europeia apresentado pela República da Croácia, [http://eur-lex.europa.eu/legal-content/PT/TXT/PDF/?uri=CELEX:32012A0424\(01\)&rid=1](http://eur-lex.europa.eu/legal-content/PT/TXT/PDF/?uri=CELEX:32012A0424(01)&rid=1).
- (12) Regulamento de Execução (UE) n.º 1116/2013 da Comissão, de 6 de novembro de 2013, que altera o Regulamento (UE) n.º 185/2010 no respeitante à clarificação, harmonização e simplificação de determinadas medidas específicas no domínio da segurança da aviação, <http://eur-lex.europa.eu/legal-content/PT/TXT/PDF/?uri=CELEX:32013R1116&rid=1>.
- (13) Wikipedia, *Statute of limitations*, http://en.wikipedia.org/wiki/Statute_of_limitations.
- (14) Recomendação 2014/53/EU da Comissão, de 29 de janeiro de 2014, enfrentar as consequências da privação do direito de voto para os cidadãos da União que exercem o seu direito de livre circulação, <http://eur-lex.europa.eu/legal-content/PT/TXT/PDF/?uri=CELEX:32014H0053&rid=1>.
- (15) Salvador, Ana Manero, «La Controversia de Valladolid: España y el Análisis de la Legitimidad de la Conquista de América», *Revista Electrónica Iberoamericana*, vol. 3, n.º 2, 2009, http://www.urjc.es/ceib/investigacion/publicaciones/REIB_03_02_A_Manero_Salvador.pdf.
- (16) Conselho da União Europeia, *Conselho da União Europeia 1952-2012: 60 anos de atividade legislativa e tomada de decisões*, ISBN 978-92-824-3736-0, <http://bookshop.europa.eu/pt/conselho-da-uni-o-europeia-1952-2012-pbQC3012619/>.
- (17) Protocolo que altera o Acordo sobre Contratos Públicos, [http://eur-lex.europa.eu/legal-content/PT/TXT/PDF/?uri=CELEX:22014A0307\(01\)&rid=1](http://eur-lex.europa.eu/legal-content/PT/TXT/PDF/?uri=CELEX:22014A0307(01)&rid=1).



Сочи — um estudo de caso da transliteração do russo

Paulo Correia

Direção-Geral da Tradução — Comissão Europeia

Alors pourquoi ce "Sochi" partout à la télévision ? La première langue officielle des Jeux Olympiques étant l'anglais, c'est la graphie anglo-saxonne qui a été adoptée sur le site olympique, en conjugaison avec le cyrillique du pays hôte. Or, "l'anglais prononce naturellement ce fameux son tch lorsqu'est écrit ch comme pour "champion" (prononcez 'tchémpion') par exemple" explique le CSRC [Centre russe pour la science et la culture]. Pas besoin, donc, d'y ajouter un "t".

Moralité : les deux écritures sont correctes, en fonction de la langue choisie. France Télévisions utilisant le logo officiel des Jeux, directement fourni par le Comité international olympique, c'est donc la graphie anglaise qui apparaît sur vos écrans télé. La presse écrite, en revanche, utilise la version française. À titre de comparaison, *Sotchi* s'écrit "Soczi" en polonais, et "Soči" en tchèque. Et puis pas d'inquiétude, les traductions de villes hôtes des JO posent des problèmes à chaque olympiade. Souvenez-vous de Turin/Torino en 2006, Beijing/Pékin en 2008 ou Londres/London en 2012. Et la question se posera encore à 2018 lorsque la caravane olympique s'installera à Pyeongchang.

metronews. «JO : doit-on écrire "Sotchi" ou "Sochi" ?»⁽¹⁾

Com a realização dos Jogos Olímpicos de Inverno de 2014, uma cidade russa do litoral do mar Negro até então pouco conhecida passou a ser abundantemente referida nos meios de comunicação, não só por motivos desportivos mas também extradesportivos. Mas como escrever **Сочи** num texto em português? Na prática, a questão não é bem essa, pois, na maioria dos casos, o tradutor ou jornalista parte de um texto em inglês onde surge a forma transliterada **Sochi** (*idem* em espanhol) ou, mais raramente, de um texto em francês onde surgirá a forma transliterada **Sotchi**. Qual dessas transliterações utilizar? Ou haverá outras possibilidades?

Para ter uma ideia da ortografia realmente utilizada em português para referir **Сочи**, pesquisou-se com o Google os conteúdos em linha⁽²⁾ dos jornais *Diário de Notícias*⁽³⁾, *Público*⁽⁴⁾, *Expresso*⁽⁵⁾, *Folha de São Paulo*⁽⁶⁾, *O Globo*⁽⁷⁾ e *Pravda*⁽⁸⁾ e da rádio *Voz da Rússia*⁽⁹⁾. Consultou-se igualmente o conteúdo em língua portuguesa de Euramis — a base com as memórias de tradução das instituições europeias.

Eis os resultados em número de ocorrências por grafia, por publicação/base:

Сочи	DN	Público	Expresso	Folha SP	O Globo	Pravda	V.Rússia	Euramis
Sochi	16 100	8 790	2 290	12 200	23 600	281	59 700	58
Sóchi	—	1	2	14	2	1	963	—
Sotchi	76	394	2 030	41	—	23	746	13
Sótchi	—	1	—	3	—	—	205	—

Verifica-se em quase todos os casos a larga predominância da transliteração de base inglesa. Será **Sochi** — a grafia maioritária — a melhor solução?, tendo em conta que nem toda a gente se apercebe de que, usando a transliteração inglesa, é suposto ler-se *Sochi* como se fosse um nome inglês. No *Expresso* observa-se, porém, um empate técnico entre as grafias inglesa e francesa.

Verificou-se também a grafia utilizada nos atlas em língua portuguesa publicados em Portugal.

Сочи	Novo Atlas Português (10)	Atlas Universal Círculo (11)	Novo Atlas Geográfico (12)	Atlas 2000 (13)	Atlas do Mundo (14)	Atlas Universal Expresso (15)	Atlas Ilustrado do Mundo (16)	Atlas Mundial Ilustrado (17)
Soči	Soči	Soči	—	Soči	Soči	—	—	—
Soci	—	—	—	—	—	Soci	—	—
Sochi	—	—	Sochi	—	—	—	Sochi	Sochi

O panorama observado nos atlas editados em Portugal é substancialmente diferente do observado na imprensa escrita de língua portuguesa. Nos atlas consultados, há duas variantes claras: a) **Soči** — transliteração «neutra», com base na norma internacional ISO 9⁽¹⁸⁾ —, utilizada em versões portuguesas de atlas estrangeiros (alemães, italianos, espanhóis, etc.) preparados para serem mais facilmente editados em vários países, muitos deles com forte tradição de transliteração do cirílico russo; b) **Sochi** — transliteração em língua inglesa —, utilizada em versões de atlas originários de países de cultura anglo-saxónica.

São duas as principais questões ligadas à correta transliteração e leitura em português do nome Сочи:

1) Som da letra ч

Ouvindo a pronúncia de Сочи⁽¹⁹⁾, verifica-se que «**tch**» seria a transliteração de «ч» para português (e não «ch»). A grande maioria das línguas oficiais dos Estados-Membros da União Europeia tem soluções próprias para reproduzir o som «tch», que são utilizadas de forma geralmente coerente nos textos da base Euramis. Muitas dessas línguas são línguas eslavas ou línguas de Estados-Membros com ligações históricas de vizinhança com a Rússia.

ч	língua	Wikipédia	Euramis	ч	língua	Wikipédia	Euramis
с	ro	Soci	Soci/Sochi	tch	fr	Sotchi	Sotchi
č	sl	Soči	Soči	tj	da	Sotji	Sotji/Sochi
	lv	Soči	Soči		sv	Sotji	Sotji/Sochi
	es	Soči	Soči	tš	fi	Sotši	Sotši
	sk	Soči	Soči		et	Sotši	Sotši
	hr	Soči	Soči		tsch	de	Sotschi
	lt	Sočis	Sočis				
	it	Soči	Soči/Sochi				
ch	en es	Sochi Sochi	Sochi Sochi	tsj	nl	Sotsji	Sotsji/ Sochi
cs	hu	Szocsi	Szocsi	τσ	el	Σότσι	Σότσι
cz	pl	Soczi	Soczi	ч	bg	Сочи	Сочи

No entanto, em algumas línguas latinas (italiano⁽²⁰⁾ e romeno) e algumas línguas germânicas (neerlandês, dinamarquês e sueco) os tradutores parecem hesitar entre usar as formas tradicionais de transliteração e a forma de base inglesa. O irlandês e o maltês seguem o inglês e em português hesita-se entre a forma inglesa (maioritária) e a forma francesa.

2) Sílaba tónica

Em russo a sílaba tónica não é assinalada graficamente, à exceção de textos didáticos, onde a palavra pode ser apresentada com indicação da sílaba tónica — *Сóчи*⁽²¹⁾ —, indicando tratar-se neste caso de uma palavra **grave**. **Sótchi** (ou Sôtchi) seria, assim, a melhor transliteração para o português.

Outros casos

A necessidade de transliteração do alfabeto russo não é, obviamente, uma questão nova. Recuando ao século XX, podem encontrar-se vários exemplos do uso de transliterações de antropónimos e topónimos russos. Vejam-se mais alguns exemplos de transliterações da letra ч.

a) Владимир Ильич Ульянов

Ильич	DN	Público	Expresso	Folha SP	O Globo	Pravda	V.Rússia	Avante
Ilich	8	9	2	36	4	18	—	28
Ilich	—	9	4	22	1	2	—	—
Ilyich	—	—	1	9	1	7	—	3
Ilyitch	—	—	3	2	4	3	—	—

Os russos têm em geral três nomes: nome próprio + patronímico + nome de família. Verifica-se, assim, que **Ilitch** — filho de Ília — é a ortografia predominante do patronímico de Lenine⁽²²⁾, nos órgãos de comunicação social, correspondendo à transliteração de base francesa⁽²³⁾, utilizada em boa parte do século XX.

b) Михаил Сергеевич Горбачёв

Горбачёв	DN	Público	Expresso	Folha SP	O Globo	Pravda	V.Rússia	Euramis
Gorbachev	50	77	198	138	13	23	80	4
Gorbachev	363	119	218	694	199	132	439	7
Gorbachov	70	460	97	1 020	33	27	100	3
Gorbachov	91	98	377	147	20	45	43	5

Já no caso do último chefe de estado da União Soviética, chegado ao poder em **1985**, a ortografia predominante é de base inglesa⁽²⁴⁾: **Gorbachev** (ou **Gorbachov**). Excetuam-se o jornais *Público* e *Folha de São Paulo*: Gorbachov. Note-se também novo empate técnico no *Expresso* entre Gorbachev e Gorbatchev.

c) Чернобыль (ucraniano: Чорнобиль)

Чернобыль	DN	Público	Expresso	Folha SP	O Globo	Pravda	V.Rússia	Euramis ⁽²⁵⁾
Chernobyl	246	350	376	494	335	57	756	289
Tchernobyl	5	34	40	65	5	7	17	14
Chernobil	100	622	383	85	29	5	1	1 067
Chernóbil	1	3	2	1	1	—	—	1
Tchernobil	2	607	19	615	2	3	156	17
Tchernóbil	—	—	—	2	2	—	25	—

Em 1986, com o desastre numa central nuclear soviética⁽²⁶⁾, uma pequena cidade situada no norte da Ucrânia, próximo da fronteira bielorrussa, conheceu uma infeliz notoriedade, que perdura até hoje. Com a exceção da *Folha de São Paulo*, predominam as transliterações de base inglesa.

Em suma, não parece seguirem-se regras coerentes para a transliteração a partir do alfabeto cirílico de nomes russos. Na prática o que há é a reprodução, com mais ou menos desvios, das transliterações feitas por outras línguas com regras consagradas de transliteração. Como ilustrado pelos exemplos anteriores, até há algum tempo parecia predominar a cópia da transliteração francesa, mas hoje em dia a regra parece ser a utilização de transliterações inglesas, o que conduz, muitas vezes, a formas divergentes de leitura dos nomes e topónimos, com a criação involuntária de verdadeiros exónimos.

Convirá relembrar a diferença entre **transliteração** (pronúncia próxima da língua de origem — endónimos) e **aportuguesamento** (pronúncia diferente — exónimos). Na transliteração há a passagem de um sistema de escrita para outro, letra a letra. No aportuguesamento dá-se uma forma portuguesa à palavra⁽²⁷⁾. Exemplos: Moskva/Moscovo; Sankt-Peterburg/São Petersburgo; Volgograd/Volgogrado; Kaliningrad/Calinegrado; Sótchi/Sóchi.

Convém lembrar que há, pelo menos, duas **regras de transliteração** do russo para o português:

1) A norma portuguesa **NP 47:1961 (Ed. 1)** «Sistema internacional para a transliteração dos caracteres cirílicos»⁽²⁸⁾, que segue a mesma filosofia da norma ISO 9, mantém-se em vigor e é largamente ignorada (com a exceção de alguns atlas). Estas regras, muito próximas do alfabeto checo e de outros alfabetos latinos eslavos, não são transparentes para um lusófono. Basta pensar nas diferentes formas como os portugueses pronunciam os nomes de muitos futebolistas de países da ex-Jugoslávia que jogam ou jogaram em Portugal.

2) O *Manual da Redação da Folha de São Paulo*⁽²⁹⁾ indica regras práticas de adaptação ao português da transliteração inglesa. Recomenda igualmente que se acentuem os nomes e topónimos de acordo com as normas do português, não se colocando nenhum acento se não se tiver a certeza sobre a sílaba tónica.

Exemplos:

russo		inglês		Folha SP		NP 47/ISO 9	
Ч, ч	Горбачёв	ch	Gorbachev	tch	Gorbatchov	č	Gorbačëv
Ц, ц	Троцкий	ts	Trotsky	ts	Trótski	c	Tróckij
Ш, ш	Пушкин	sh	Pushkin	ch	Púchkin	š	Púškin
Щ, щ	Хрущёв	shch	Khrushchev	sch	Khruschov	šč/š	Hruščëv/Hrušëv

Ainda os jogos olímpicos de inverno não tinham acabado e já os acontecimentos na Ucrânia ocupavam a atenção geral. Novamente aí se levantaram problemas de transliteração do cirílico das línguas ucraniana e russa. Veja-se o exemplo do nome do presidente recém-afastado do poder em Kiev.

Янукович⁽³⁰⁾

Янукович	DN	Público	Expresso	Folha SP	O Globo	Pravda	V.Rússia	Euramis
Ianukovich	56 700	9 840	2 470	5	1	—	78	26
Ianukovitch	45 400	896	13 300	2	2	9	346	9
Yanukovich	113	241	1 550	5 740	99 500	107	35 800	15
Yanukovitch	3	5	135	148	3 470	25	106	—
Yanukovych	215	34	1 700	173	998	27	31	58
Yanukovytsch	—	—	3	18	408	—	—	—
Ianoukovich	33	1	134	—	—	—	—	—
Ianoukovitch	192	15	410	1	—	—	—	—

Novamente se destaca o jornal *Expresso*, que reproduz de forma mais aproximada a pronúncia original do nome. A *Folha de São Paulo* afasta-se do seu manual de redação.

Ou seja, a prática ortográfica na toponímia e antroponímia do russo, ucraniano e outras línguas eslavas que utilizam alfabetos cirílicos é equivalente à prática existente com o vocabulário português antes da reforma ortográfica de 1911 — isto é, não há regras definidas e cada um escreve (e pronuncia) como lhe parece e apetece. Seria talvez interessante discutir, desenvolver e divulgar regras de transliteração simplificada que evitassem a atual prática nos textos das instituições europeias.

Face às dúvidas dos falantes, os jornais tentam por vezes ajudar...

Os atletas que representarão o Brasil nos Jogos Olímpicos de Inverno em **Sochi** (pronuncia-se "**Sótschi**"), na Rússia, têm algumas dificuldades a mais do que os adversários que irão enfrentar.

Folha de São Paulo. 'Gringos' e estreates lideram país em Sochi⁽³¹⁾

Mas, talvez mais do que os tradutores ou jornalistas, os humoristas estão particularmente atentos às dificuldades e hesitações dos falantes perante transliterações não adaptadas ao português...

Temos de ligar para a Rússia para aquele sítio que ninguém sabe muito bem se se diz **Sóchi** ou **Sóqui** ou Soliliceli... e eu não arrisco dizer nomes.

Bruno Nogueira, «Tubo de Ensaio», *TSF TSF Rádio Notícias: Podcast*⁽³²⁾

Paulo.Correia@ec.europa.eu

- (1) metronews, «JO : doit-on écrire "Sotchi" ou "Sochi" ?», 17.2.2014, <http://www.metronews.fr/sport/jeux-olympiques-doit-on-ecrire-sotchi-ou-sochi/mnbq!tSjtMh7ggbyFk/>.
- (2) Convém, no entanto, notar que este método de simples análise quantitativa não permite distinguir entre grafias utilizadas em notícias, colunas de opinião ou comentários dos leitores. Para determinar a existência de eventuais regras das redações para o tratamento de nomes russos seria necessária uma análise de cada uma das ocorrências.
- (3) *Diário de Notícias*, <http://www.dn.pt>.
- (4) *Público*, <http://www.publico.pt>.
- (5) *Expresso*, <http://expresso.sapo.pt>.
- (6) *Folha de S.Paulo*, <http://www.folha.uol.com.br>.
- (7) *O Globo*, <http://oglobo.globo.com>.
- (8) *Pravda.ru*, <http://port.pravda.ru>.
- (9) *Rádio Voz da Rússia*, <http://portuguese.ruvr.ru>.
- (10) Soares, João, *Novo Atlas Escolar Português: Histórico-Geográfico*, 7.ª ed. atualizada, Livraria Sá da Costa, Lisboa, 1959.
- (11) Kartographisches Institut Bertelsmann, *Atlas Universal Círculo*, Círculo de Leitores, [Lisboa], 1980.
- (12) Daveau, Suzanne, *Novo Atlas Geográfico*, João Sá da Costa, Lisboa, 1986.
- (13) Kunth, Wolfgang, *Atlas 2000: A Nova Cartografia do Mundo*, Temas & Debates, [s.l.], 1995, ISBN 972-42-1106-1.
- (14) Correio da Manhã, *Atlas do Mundo*, Grande Enciclopédia Universal n.º 30, *Correio da Manhã*, 2004, ISBN 978-84-963302-1-4.
- (15) Saraiva, José António, Monteiro, Henrique Monteiro, *Atlas Universal Expresso*, 6 vol., Editorial Sol 90, Barcelona, 2005.
- (16) *Geographica: Atlas Ilustrado do Mundo*, Lisboa, Dinalivro, 2005, ISBN 978-972-57-6387-2.
- (17) Bruce, Jenni, *Atlas Mundial Ilustrado: Um Retrato Completo do Planeta Terra*, Everest, Rio de Mouro, 2008, ISBN 978-989-50-0254-2.
- (18) International Organization for Standardization, *ISO 9:1995 — Information and documentation: Transliteration of Cyrillic characters into Latin characters — Slavic and non-Slavic languages*, http://www.iso.org/iso/catalogue_detail.htm?csnumber=3589.
Consultar sítio de conversão: Mancko, *transliteração: Russo – Sistema de transliteração ISO 9*, <http://www.transliteration.com/transliteracao/pt/russo/iso-9/>.
- (19) Pronúncia: Forvo, *Сочу*, <http://pt.forvo.com/word/%D1%81%D0%BE%D1%87%D0%B8/#ru>.
- (20) O italiano tem alguma tradição de uso da transliteração ISO 9.
- (21) Википедия, *Сочу*, <https://ru.wikipedia.org/wiki/%D0%A1%D0%BE%D1%87%D0%B8>.
- (22) É curioso verificar que o jornal *Avante!* utiliza as variantes Lénine (2130 ocorrências), Lenine (973), Lenin (5) e Lénin (3). O *Diário de Notícias* e o *Público* privilegiam a forma Lenine, embora usem também outras variantes.
- (23) Wikipédia: fr — Vladimir Ilich Oulianov; en — Vladimir Ilyich Ulyanov; de — Wladimir Iljitsch Uljanow; es — Vladimir Ilich Uliánov; ISSO 9: Vladimir Il'ič Ul'ánov.
- (24) Wikipédia: fr — Gorbachev; en — Gorbachev; de — Gorbatschow; es — Gorbachov; ISO 9: Gorbačëv.
- (25) No anexo 9, «Diversos», da edição de 1997 do *Código de Redação Interinstitucional* recomendava-se a ortografia Chernobil. Este anexo não foi retomado na edição mais recente do Código.
- (26) Wikipédia: fr — Tchernobyl; en — Chernobyl; de — Tschernobyl; es — Chernóbil; ISO 9: Černóbyl'.
- (27) No aportuguesamento há algumas regras ortográficas a observar, mas que por vezes são esquecidas: «Os vocábulos originários de línguas com **alfabetos exóticos** (entenda-se: todos os alfabetos que não forem o alfabeto latino — o grego, o **cirílico**, o hebraico, o japonês, etc.). Nessas palavras, jamais usaremos CH, SS ou G, mas sim o X, o Ç e o J.» Cláudio Moreno, *Sua Língua* — Quando se usa o J, o X e o Ç?, <http://wp.clicrbs.com.br/sualingua/2009/05/18/quando-se-usa-o-j-o-x-e-o-c/>.
- (28) Instituto Português da Qualidade, *NP 47:1961 (Ed. 1): Sistema internacional para a transliteração dos caracteres cirílicos*, <http://www.ipq.pt/custompage.aspx?modid=0&pagid=1250&TPA=C&ncert=59730>.
- (29) *Folha de São Paulo*, *Manual da Redação*, 16.ª edição, São Paulo, Publifolha, 2010, ISBN 978-85-7402-262-8.
- (30) Янукович Віктор Федорович (uk); Янукович, Виктор Фёдорович (ru).
- (31) Merguizo, Marcel, «'Gringos' e estreates lideram país em Sochi», *Folha de São Paulo*, <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/esporte/151017-gringos-e-estreates-lideram-pais-em-sochi.shtml>.
- (32) Bruno Nogueira, «Tubo de Ensaio», 17.2.2014, *TSF Rádio Notícias: Podcast*, http://podcast.cdn.tsf.pt/tub_20140217.mp3.



Croácia — ficha de país

Luís Pedro Correia

Paulo Correia

Direção-Geral da Tradução — Comissão Europeia

[Com a colaboração do Departamento de Língua Croata da Direção-Geral da Tradução]

A informação terminológica relativa aos Estados-Membros da União Europeia encontra-se dispersa por vários documentos normativos ou de referência.

A elaboração de uma ficha para cada país permite agrupar essa informação, fornecendo uma forma prática de consulta dos dados.

Os elementos a incluir em cada ficha podem variar em função da realidade do país em questão, tal como também acontece na publicação equivalente em língua inglesa — o *Country Compendium*⁽¹⁾.

O formato é, assim, aberto, mas os elementos incluídos nos seguintes documentos estarão sempre presentes:

- *Código de Redação Interinstitucional*. Anexo A5 — Lista dos Estados, territórios e moedas e Anexo A10 — Lista das regiões⁽²⁾;
- *Portal Europeu da Justiça* — Sistemas judiciais nos Estados-Membros⁽³⁾.

Sempre que necessário, incluir-se-á em anexo uma tabela com o alfabeto local e os equivalentes aproximados em português.

Estas fichas poderão contar com a colaboração direta dos colegas especialista em cada país/língua e ser trabalhadas interinstitucionalmente de forma a serem validadas e se converterem em futuros documentos de referência. Inicia-se a publicação deste tipo de fichas com a **Croácia**, o mais recente Estado-Membro da União Europeia.

REPÚBLICA DA CROÁCIA (IATE: 859298)

CAPITAL:	Zagrebe
GENTÍLICO/ADJETIVO:	croata (plural: croatas)
MOEDA:	kuna (plural: kunas)
SUBDIVISÃO:	lipa (plural: lipas)
Principais cidades:	Zagrebe, Split, Rijeka, Osijek, Dubrovnik, Zadar
Rios:	Danúbio, Drava, Sava
Lagos:	Omladinsko, Plitvice
Serras:	Učka, Velebit, Viševica
Ilhas:	Krk, Cres, Brač, Hvar, Korčula

Subdivisões administrativas

#	croata (Eurostat ⁽⁴⁾)	português	inglês	IATE
2	regija	região	region	—
21	županija	distrito	county	3553074
546	grad/općina	cidade/município	town/municipality	3553076/3553075

Regiões

NUTS	HRVATSKA (Ramon ⁽⁵⁾)	CROÁCIA	CROATIA (Wikipédia)	IATE
HR03	Jadranska Hrvatska	Croácia Adriática	Adriatic Croatia	3555873
HR031	Primorsko-goranska županija	distrito de Primorje-Gorski	Primorje-Gorski County	
HR032	Ličko-senjska županija	distrito de Lika-Senj	Lika-Senj County	
HR033	Zadarska županija	distrito de Zadar	Zadar County	
HR034	Šibensko-kninska županija	distrito de Šibenik-Knin	Šibenik-Knin County	
HR035	Splitsko-dalmatinska županija	distrito de Split-Dalmácia	Split-Dalmatia County	
HR036	Istarska županija	distrito da Ístria	Istria County	
HR037	Dubrovačko-neretvanska županija	distrito de Dubrovnik-Neretva	Dubrovnik-Neretva County	
HR04	Kontinentalna Hrvatska	Croácia Continental	Continental Croatia	3555879
HR041	Grad Zagreb	cidade de Zagrebe	City of Zagreb	
HR042	Zagrebačka županija	distrito de Zagrebe	Zagreb County	
HR043	Krapinsko-zagorska županija	distrito de Krapina-Zagorje	Krapina-Zagorje County	
HR044	Varaždinska županija	distrito de Varaždin	Varaždin County	
HR045	Koprivničko-križevačka županija	distrito de Koprivnica-Križevci	Koprivnica-Križevci County	
HR046	Međimurska županija	distrito de Međimurje	Međimurje County	
HR047	Bjelovarsko-bilogorska županija	distrito de Bjelovar-Bilogora	Bjelovar-Bilogora County	
HR048	Virovitičko-podravska županija	distrito de Virovitica-Podravina	Virovitica-Podravina County	
HR049	Požeško-slavonska županija	distrito de Požega-Eslavónia	Požega-Slavonia County	
HR04A	Brodsko-posavska županija	distrito de Brod-Posavina	Brod-Posavina County	
HR04B	Osječko-baranjska županija	distrito de Osijek-Barânia	Osijek-Baranja County	
HR04C	Vukovarsko-srijemska županija	distrito de Vukovar-Sírmia	Vukovar-Syrmia County	
HR04D	Karlovačka županija	distrito de Karlovac	Karlovac County	
HR04E	Sisačko-moslavačka županija	distrito de Sisak-Moslavina	Sisak-Moslavina County	

Às duas regiões (NUTS 2), já incluídas no Anexo A10 — Lista das regiões — do *Código de Redação Interinstitucional*, juntaram-se também os 21 **županije** (NUTS 3) da Croácia⁽⁶⁾.

NB: Os 21 *županije* croatas, poderão designar-se **distritos** ou **jupanatos**⁽⁷⁾ (IATE: 3553074) — subdivisões administrativas que, tal como os distritos portugueses, correspondem a um agrupamento de municípios rurais e urbanos. Convém evitar-se o decalque «condado», do inglês *county*. Em croata, condado é *grofovija* (conde designa-se *grof*) e não *županija*.

Órgãos judiciais

croata	português	inglês	IATE
općinski sud	tribunal de comarca	municipal court	3541064
prekršajni sud	tribunal de pequena instância criminal	misdemeanour court	3541065
trgovački sud	tribunal de comércio	commercial court	3541066
Upravni sud	tribunal administrativo	Administrative Court	3548090
Ustavni sud	Tribunal Constitucional	Constitutional Court	3545248
Visoki prekršajni sud	tribunal superior de pequena instância criminal	High Misdemeanour Court	3545244
Visoki trgovački sud	tribunal superior de comércio	High Commercial Court	3545245

Vrhovni sud	Supremo Tribunal	Supreme Court	3545246
županijski sud	tribunal distrital	county court	3545247

Luis-Pedro.Correia@ec.europa.eu
Paulo.Correia@ec.europa.eu

Anexo: Alfabeto croata

O alfabeto croata é um alfabeto latino, mas o valor de muitas letras e diacríticos é geralmente desconhecido. Apresenta-se a seguir uma tabela com as letras croatas os respetivos equivalentes aproximados em português e exemplos de palavras com essas letras:

letra croata	fonética	equivalente português	nome croata	«transliteração»
A a	/a/	a		
B b	/b/	b		
C c	/ts/	ts	Karlovac	Karlovats
Č č	/tʃ/	tch (forte)	Učka	Utchka
Ć ć	/tɕ/	tch (fraco)	Prvić	Prvitch
D d	/d/	d		
Đ đ	/dz/	dj (fraco)	Međimurje	Medjimurie
Dž dž	/dʒ/	dj (forte) — usa-se sobretudo em nomes estrangeiros	Džibuti	Djibuti
E e	/e/	e		
F f	/f/	f		
G g	/g/	g		
H h	/x/	rr/k (aprox.) ⁽⁸⁾	Hvar	Rvar/Kvar
I i	/i/	i		
J j	/j/	i (semivogal)	Rijeka	Rieka
K k	/k/	k		
L l	/l/	l		
Lj lj	/ʎ/	lh	Mljet	Mlhet
M m	/m/	m		
N n	/n/	n		
Nj nj	/ɲ/	nh	Senj	Senh
O o	/o/	o		
P p	/p/	p		
R r	/r/	r (singelo)		
S s	/s/	s (inicial) ss (intervocálico)	Osijek	Ossiek
Š š	/ʃ/	ch	Šibenik	Chibenik
T t	/t/	t		
U u	/u/	u		
V v	/v/	v		
Z z	/z/	z		
Ž ž	/ʒ/	j	Varaždin	Varajdin

⁽¹⁾ Directorate-General for Translation, *Country Compendium: A companion to the English Style Guide*, http://ec.europa.eu/translation/english/guidelines/documents/styleguide_english_dgt_country_compendium_en.pdf.

⁽²⁾ Serviço de Publicações, *Código de Redação Interinstitucional*: <http://publications.europa.eu/code/pt/pt-5000500.htm> e <http://publications.europa.eu/code/pt/pt-5001000.htm>.

⁽³⁾ Portal Europeu da Justiça, *Sistemas judiciais: Sistemas judiciais nos Estados-Membros — Tribunais*, https://e-justice.europa.eu/content_judicial_systems_in_member_states-16-pt.do.

⁽⁴⁾ Eurostat, *NUTS: Nomenclature of territorial units for statistics: Correspondence tables — National structures (EU)*, http://epp.eurostat.ec.europa.eu/portal/page/portal/nuts_nomenclature/correspondence_tables/national_structures_eu.

⁽⁵⁾ Eurostat, *ESS-MH, RAMON — Metadata*, http://ec.europa.eu/eurostat/ramon/nomenclatures/index.cfm?TargetUrl=LST_NOM_DTL&StrNom=NUTS_33&StrLanguageCode=EN&IntPcKey=30650793&StrLayoutCode=HIERARCHIC.

⁽⁶⁾ Regulamento (UE) n. 1319/2013 da Comissão de 9 de dezembro de 2013 que altera os anexos do Regulamento (CE) n. o 1059/2003 do Parlamento Europeu e do Conselho relativo à instituição de uma Nomenclatura Comum das Unidades Territoriais Estatísticas (NUTS),

<http://eur-lex.europa.eu/legal-content/PT/TXT/PDF/?uri=CELEX:32013R1319&qid=1395928101432>.

⁽⁷⁾ Um **jupã** (em servo-croata, *župan* ou *жупан*) é um antigo título nobiliárquico, político e administrativo medieval típico dos povos eslavos e da região dos Balcãs ocidentais (a antiga Jugoslávia). (...) O território governado por um jupã é chamado de jupa (*župa*) ou jupanato. <https://pt.wikipedia.org/wiki/Jup%C3%A3>.

Os **jupanatos** não existiam na ex-Jugoslávia, tendo sido restabelecidos em 1992.

⁽⁸⁾ Som gutural arrastado, situado entre um «h» fortemente aspirado e um «k». Este som está presente no nome do país, Hrvatska.



Nomes oficiais dos Estados-Membros

*Equipa linguística do Departamento de Língua Portuguesa
Direção-Geral da Tradução — Comissão Europeia*

Os **nomes oficiais** dos 28 Estados-Membros estão registados — e são permanentemente atualizados — na versão em linha do *Código de Redação Interinstitucional*⁽¹⁾ e na base terminológica IATE⁽²⁾. No quadro abaixo apresentam-se os nomes comuns e oficiais dos Estados-Membros, ordenados segundo a ordem protocolar.

Nome comum	Nome oficial	IATE
Bélgica	Reino da Bélgica	860970
Bulgária	República da Bulgária	860994
República Checa	República Checa	873199
Dinamarca	Reino da Dinamarca	861021
Alemanha	República Federal da Alemanha	861051
Estónia	República da Estónia	861200
Irlanda	Irlanda	861077
Grécia	República Helénica	861059
Espanha	Reino de Espanha	861168
França	República Francesa	861047
Croácia	República da Croácia	859298
Itália	República Italiana	861079
Chipre	República de Chipre	861018
Letónia	República da Letónia	861101
Lituânia	República da Lituânia	861201
Luxemburgo	Grão-Ducado do Luxemburgo	861102
Hungria	Hungria	861069
Malta	República de Malta	861112
Países Baixos	Reino dos Países Baixos	861126
Áustria	República da Áustria	860963
Polónia	República da Polónia	861145
Portugal	República Portuguesa	861146
Roménia	Roménia	861149
Eslovénia	República da Eslovénia	859299
Eslováquia	República Eslovaca	873198
Finlândia	República da Finlândia	861046
Suécia	Reino da Suécia	861173
Reino Unido	Reino Unido da Grã-Bretanha e da Irlanda do Norte	861189

A forma mais frequente dos nomes oficiais dos Estados-Membros é «República/Reino/... + de(o/a) + nome comum do Estado». Há, porém, nomes oficiais que assumem outras formas que convém respeitar sempre nos textos das instituições europeias:

— «República + adjetivo»:

República Checa; República Helénica; República Francesa; República Italiana; República Portuguesa; República Eslovaca.

— O nome comum é o nome oficial:

Irlanda; Hungria; Roménia.

Alguns casos potencialmente problemáticos

1) Hungria

Com a entrada em vigor, em 1 de janeiro de 2012, da nova constituição húngara⁽³⁾, o nome oficial da Hungria passou a ser apenas **Hungria** (Magyarország). O anterior nome oficial era «República da Hungria» (Magyar Köztársaság), sucessora da «República Popular da Hungria» (Magyar Népköztársaság).

2) Roménia

À «República Socialista da Roménia» (Republica Socialistă România) sucedeu, com a constituição de 1991⁽⁴⁾, a **Roménia** (România). É de evitar o nome «República da Roménia», que nunca foi o nome oficial do Estado romeno.

3) Irlanda

A imprensa do Reino Unido utiliza frequentemente a designação *Republic of Ireland*, a qual não corresponde, no entanto, ao nome oficial do Estado irlandês. O primeiro nome oficial da Irlanda independente era «Estado Livre Irlandês» (Saorstát Éireann) (1922-1937), mas desde a constituição de 1937⁽⁵⁾ o nome oficial é apenas **Irlanda** (Éire). A designação «República da Irlanda» não é aceite pelas autoridades irlandesas, pelo que não deverá ser utilizada nos textos das instituições europeias.

Sendo necessário referir o conjunto da Irlanda e Irlanda do Norte, poderá utilizar-se a forma «ilha da Irlanda».

4) Reino Unido

No caso do Reino Unido, a designação utilizada no direito primário é **Reino Unido da Grã-Bretanha e da Irlanda do Norte**. Anteriores nomes oficiais do Reino Unido:

— 1707-1800: **Reino da Grã-Bretanha**, resultante da união do Reino da Escócia e do Reino de Inglaterra;

— 1801-1927 (1922 de facto): **Reino Unido da Grã-Bretanha e da Irlanda**, resultante da união do Reino da Irlanda ao Reino da Grã-Bretanha. O atual nome oficial do Reino Unido decorre da independência da Irlanda.

O Reino Unido é uma união política de quatro «entidades»: Escócia, Inglaterra e País de Gales — na ilha da Grã-Bretanha — e Irlanda do Norte — na ilha da Irlanda. Nunca se deve utilizar Grã-Bretanha como sinónimo de Reino Unido.

DGT-PT-LINGUISTIC-TEAM@ec.europa.eu

⁽¹⁾ *Código de Redação Interinstitucional*, Anexo A5 — Lista dos Estados, territórios e moedas,

<http://publications.europa.eu/code/pt/pt-5000500.htm>.

⁽²⁾ IATE — Interactive Terminology for Europe, <http://iate.europa.eu/switchLang.do?success=mainPage&lang=pt>.

⁽³⁾ «O nome da nossa pátria é “Hungria”» (*Hazánk neve Magyarország*),

<http://www.parlament.hu/irom39/02627/02627-0187.pdf>.

⁽⁴⁾ «România este stat național, suveran și independent, unitar și indivizibil.», <http://www.constitutia.ro/const1991.htm>.

⁽⁵⁾ «The name of the State is *Éire*, or, in the English language, *Ireland*.»,

https://www.constitution.ie/Documents/Bhunreacht_na_hEireann_web.pdf.

Exoneração de responsabilidade: Os textos incluídos são da responsabilidade dos autores, não refletindo necessariamente a opinião da Redação nem das instituições europeias.

A Redação é responsável pela linha editorial d'«a folha», cabendo-lhe decidir sobre a oportunidade de publicação dos artigos propostos.

Redação: Paulo Correia (Comissão); Valdemar Ferreira (PE); Manuel Leal (Conselho da UE); Victor Macedo (CESE-CR); António Raúl Reis (Serviço das Publicações)

Grupo de apoio: Ana Luísa Faria (Conselho da UE); Hilário Leal Fontes (Comissão); Susana Gonçalves (Comissão); Ana Lorenzo Garrido (Comissão); Joana Seixas (CESE-CR)

Paginação: Susana Gonçalves (Comissão)

Envio de correspondência: dgt-folha@ec.europa.eu

Edição impressa: oficinas gráficas do Serviço de Infraestruturas e Logística — Bruxelas (Comissão)

Edição eletrónica: sítio Web da Direção-Geral da Tradução da Comissão Europeia no portal da União Europeia — <http://ec.europa.eu/translation/portuguese/magazine>

Os artigos contidos neste boletim podem ser reproduzidos mediante indicação da fonte e do autor.

«a folha» ISSN 1830-7809

ISSN 1830-7809



9 771830 780004